

SOPRO

55

VERBETE

Espelho

Flávia Cera



Espelho Mágico (1929)
René Magritte

“O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” é divulgado por Jacques Lacan em 1936 e posteriormente, em Zurique, em 1949, e publicado em 1966 no seu famoso *Escritos*. A formação do eu dá-se pela imagem refletida no espelho. Diante dele, uma criança observa-se com júbilo e é apresentada a um corpo inteiro, a uma unidade corporal que a livra da angústia de um corpo dilacerado. A duplicação do corpo, a imagem com a qual a criança gesticula, brinca, anima (dá alma) revela, explica Lacan, uma “estrutura ontológica do mundo humano”. Essa afirmação ontológica de Jacques Lacan não diz outra coisa senão que o ser é uma imagem. Ou seja, já não se trata de uma consistência material que sustenta o ser, ou de alguma transcendentalidade de consciência, o ser forma-se na imagem e é imagem. Somos todos, portanto, a princípio, imagem e é a partir dela que formaremos nossos laços, é a partir dela que assumiremos um modo de vida, enfim, é a partir dela que iniciamos uma ficção sobre quem somos.

É através da imagem que nos identificamos, diz Lacan: “Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação tal qual a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*”. A identificação de

que Lacan nos fala pode ser lida como a apropriação de uma imagem refletida no espelho *como se* – aqui se ressalta o caráter ficcional – fosse a sua imagem. A instância imaginária desse eu é o que estabelece a linha de ficção que começa a nos dar sentido. No entanto, é essa capacidade de identificação com a imagem que também nos habilita a projetar imagens (que nunca são próprias, mas sim apropriadas, roubadas, emprestadas, etc.). Isto é, na medida em que nos refletimos no espelho, que nos apropriamos de uma imagem, que formamos um eu, passamos também a veicular imagens (mimetizando). Daí poderíamos explicar a relação que se prolonga pela vida toda, uma vez que o eu nunca é todo, entre o eu e o outro, para além da sua insuficiência biológica: se em uma forma relacional, tal qual dá suporte a psicanálise, o eu se constitui no outro, o eu e o outro se confundirão irremediavelmente cada vez que o eu e o outro assumirem uma posição. O que não quer dizer que não exista uma separação entre o eu e o outro ela existe porque embora as instâncias se confundam, embora haja identificação, elas não coincidem sem resto. Ou seja, o sujeito deixa uma marca, uma impressão do eu sobre a imagem do outro, ou como argumenta Lacan posteriormente, um significante.

Essa não coincidência estabelece-se também entre a linha de ficção do eu e a realidade: “o ponto importante é que essa forma (o [eu]-Ideal¹) situa a instância do eu desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, para sempre irreduzível para o indivíduo isolado – ou melhor, que só se unirá assintoticamente ao devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das suas sínteses dialéticas pelas quais ele tenha que resolver, na condição de [eu], sua discordância de sua própria realidade”. O que Lacan explica aqui é que o eu imaginário, total e completo, nunca corresponderá totalmente à realidade. Alguma coisa sempre faltará. E mais do que se fechar em uma imagem, o estádio do espelho mostra a abertura do humano ao sensível.²

¹ Escreve Lacan: “a assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. Essa forma, aliás, mais deveria ser designada por [eu]-ideal”.

² Emanuele Coccia sustenta que, na cultura moderna, foi Jacques Lacan quem soube reconhecer “o papel fundamental do sensível na constituição do indivíduo humano”. É ele também quem propõe que o estágio do espelho não seja apenas uma fase: “na verdade, a faculdade de reconhecer-se (ou de mal reconhecer-se) no sensível, de identificar-se com ele, de trocar-se por uma imagem, é algo ainda mais estranho e profundo, mais profano e cotidiano do que Lacan tentou isolar na assim chamada ‘fase do espelho’. O que significa, de fato, ser capaz de viver de nossa forma mesmo quando ela não insiste mais em nós, não nos dá mais vida e não é mais o lugar onde pensamos? O que significa ser capaz de viver nas formas mesmo quando elas abandonaram as coisas, os objetos, cuja natureza definiam, mas ainda não se tornaram os nossos conteúdos psíquicos (ainda que possam vir a fazê-lo)?”.

Estados de ficção: loucura e alienação do eu

Oswald de Andrade, figura marcante do modernismo brasileiro e divulgador da Antropofagia, em 1950, quando escrevia sua tese sobre “A Crise da Filosofia Messiânica” propõe uma releitura de Freud:

“A psicanálise custou a compreender que era preciso atacar o Superego paternalista. Durante muito tempo as soluções apresentadas pela escola de Freud não viram senão nos remédios negativos do Eu (recalque, regressão, anulação e isolamento) como nas formas masoquistas (volta contra si mesmo, transformação no contrário) a maneira de liquidar os conflitos internos.

Começou-se enfim a compreender que o Superego também podia estar errado. Do mau acolhimento dado aos direitos submetidos que estavam às disposições disciplinares da Moral dos Escravos, passou-se a uma fase psicanalítica em que se procurou legalizar o homem natural que resistia por meio de neuroses e estados de ficção, às injunções seculares do socratismo ocidental.

Chamamos de estados de ficção aos distúrbios e alienações em que se entoca e desenvolve o Eu agredido pelo ambiente. Histeria, paranóia, delírios de ciúme e de religião, ausências, tudo passa a ser nas mãos do Eu poeta, do Eu romancista, do Eu moralista, desenvolvidos no trauma, temas da derivação da doença. Se recorrermos à História, veremos como esses estados princeps, produzidos em geral nas personalidades fortes, promovem outros que chamaremos de estados de espelho e daí a extensão de grupos contagiados e multidões passivas.

De forma bastante peculiar, Oswald critica o mesmo ponto que Lacan criticou em Freud, uma clínica fundamentada na resistência, e propõe que compreendamos, e aí em uma sintonia impressionante com Lacan, o eu como potencialidade. Ou seja, mais do que as limitações dos sujeitos, mais do que a finitude, uma infinitude propagada pela imagem que, em estado de ficção, ou em linha de ficção como queria Lacan, abre o eu para o outro. Esses estados de ficção apresentam-se na alienação, diz Oswald, que se encontrará marcadamente na despersonalização das figuras do Eu poeta, Eu moralista, do Eu romancista. Ou seja, o mimetismo desses estados de ficção é o que propicia o contágio das massas (daí a literatura ser perigosa porque contagiante); em uma desrealização do eu da neurose, da paranóia, por exemplo, de que se apropriam outros eus refletidos no espelho temos o mimetismo como psicastenia da qual nos falam Roger Caillois e Lacan.

É verdade que na formação do eu esteja condensada uma forma de loucura. Lacan a coloca como o que “estrutura como paranóico o conhecimento humano”. O eu, a unidade corporal, forma-se fora de si. É uma existência extra-corpórea. O eu é, parafraseando Coccia em sua proposição do *Cogito* do espelho, lá onde não pensa e onde não existe. Daí o mimetismo: o eu só é renunciando a si e confundindo-se com o espaço. O eu se perde no ambiente e encontra uma tela de projeção no outro. Foi Clarice Lispector quem, de modo lapidar, formulou uma questão crucial para o espelho: “mas o que é um espelho? Não existe a palavra espelho, só existem espelhos, pois um único é uma infinitude de espelhos (...) Não, eu não descrevi o espelho – eu fui ele”. Ou seja, não se trata de estabelecer uma identidade (eu sou isso que vejo no espelho), mas sim de estabelecer identificações, de se apropriar da imagem do outro.

Esse encontro com o outro é necessário porque o homem, diferente do animal, tem um “inacabamento anatômico” ou, para invocarmos novamente o fantasma de Oswald, “um déficit essencial e permanente”. Esse inacabamento faz com que a imagem tenha uma função primordial no estabelecimento da relação entre o “organismo e sua realidade”: “o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. Assim, o rompimento do círculo do *Innenwelt* para o *Unwelt* gera a quadratura inesgotável dos arrolamentos do eu”. Essa “armadura assumida de uma identidade alienante” é a *imago*. É através da imagem, assumida ou apropriada, formada na exterioridade do sujeito que o eu assume uma forma. Daí a trans-formação: um atravessamento em direção à exterioridade – do *Innenwelt* para o *Unwelt*, através de uma ação – de uma animação da imagem, que dá forma ao sujeito. Nesse momento acontece uma experiência (*ex-periri*³) fora do corpo que expõe o sujeito ao perigo. Este perigo é duplo: o de sucumbir à imagem (daí um encontro fadado ao fracasso com a realidade) e o de perder-se (paradoxalmente, para encontrar-se) no outro.

Duplo estranho

Que o encontro com essa imagem no espelho seja tomado por felicidade, júbilo, nos diz Lacan, não quer dizer que ela não contenha certo estranhamento, afinal é um duplo que se apresenta. É na conclusão do estádio do espelho, explica Lacan, que se “inaugura pela identificação com a *imago* do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (...) a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas. É nesse momento que decisivamente faz todo saber humano

³ Experiência deriva etimologicamente de *experiri*. E *periri* etimologicamente deriva de *periculum*.

NOTAS PARA A RECONSTRUÇÃO DE UM MUNDO PERDIDO

Flávio de Carvalho

bascular para a mediatização pelo desejo do outro". O eu, alienado no outro, não compreende que é ele o meio para conseguir o que se deseja. Essa medialidade do outro, a imagem do outro, ao invés de ser entendida como o que dá acesso, é entendida como rivalidade. Afinal, é um estranho, um duplo estranho, uma vez que está dado que esse outro semelhante forma o eu, que o invade e obstaculiza sua satisfação.

A tensão dialética entre a imagem do eu e sua alienação no desejo do outro é fruto do investimento libidinal que Freud denominou como narcisismo primário, explica Lacan, e daí deriva a agressividade que é constitutiva nas relações sociais. Logo em seguida, Lacan empreende uma forte crítica ao existencialismo sartreano em que coloca o voluntarismo revolucionário da "self-suficiência da consciência" no plano da agressividade para além do "bom samaritano". Diferenciando-se radicalmente da proposta sartreana, Lacan firma as bases da prática analítica: não conceber o eu centrado no sistema percepção-consciência organizado pelo princípio da realidade, mas partir de uma "função do desconhecido" que caracteriza o eu em todas as suas estruturas. A alienação do eu, sua parte de loucura, é constitutiva porque parte de si é desconhecimento. Daí que ele afirme: "assim se compreende a inércia própria das formações do [eu], onde podemos ver a definição mais abrangente da neurose: ver como a captação do sujeito pela situação dá a fórmula mais geral da loucura". Ou seja, o máximo de ação, da qual falamos anteriormente, é a animação da imagem refletida: não há consciência que dirija o sujeito, todo eu se forma no outro, temos um déficit essencial, somos capturados pela situação, pelo ambiente e não o contrário (aí também a loucura mimética). Em suma, não temos controle absoluto da situação: ela também nos controla, nos absorve e despersonaliza. Desse modo, uma das máximas sartreanas "o inferno são os outros" teria como complemento, em chave lacaniana, "o inferno também sou eu".

De certa forma, Lacan opta pelos estados de ficção de que nos falava Oswald ao criticar a apreensão da realidade pelo idealismo, pedagogia, reformismo e filantropia. Existe uma tensão agressiva entre o eu e o outro, uma curva assintótica entre o imaginário e a realidade, um duplo irremediável e dialético. O eu, que não é uma síntese, se instala nesse lugar suspenso em que os encontros fracassam, em que corpo e imagem não coincidem, em que se abre uma falta que será a casa de nossas pulsões. A alteridade tão propagada por ideais do bem e do sacro, nos é apresentada por Lacan como uma agressividade, para além do bem e do mal e, subvertendo a máxima kantiana, o outro é tomado como meio. É através dele e com ele que me vejo e desejo.



Notas para a reconstrução de um mundo perdido é um conjunto de 65 textos de Flávio de Carvalho publicados no *Diário de S. Paulo* entre janeiro de 1957 e setembro de 1958. Os primeiros vinte e quatro textos da série aparecem sob o título *Os gatos de Roma*. A partir da nota 25, a série passa a ser intitulada como *Notas para a reconstrução de um mundo perdido*. A republicação dessas *Notas* no **SOPRO** (que começou no número 49) não pretende trazer um material de arquivo morto, ao contrário: a aposta é lançar esse pensamento intempestivo e fascinante para que ele produza efeitos no presente. O que podemos adiantar é que se trata de um trabalho ambicioso realizado por um "arqueólogo mal-comportado", como Flávio mesmo se definiu. As *Notas* foram reproduzidas e transcritas por Flávia Cera, a partir de pesquisa realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

IX - OS GATOS DE ROMA

A simulação, a Floresta e o Primeiro Temperamento – A Descida da Árvore

O homem está intimamente ligado à árvore no seu passado antigo e a floresta é o seu primeiro habitat.

O primeiro temperamento do homem nasceu na floresta e não podia ser de outra maneira, pois a floresta foi a sua primeira casa e foi nela que ele iniciou a sua atividade de Homo Faber.

Não nos esqueçamos que foi a Floresta que serviu de apoio e cenário para a espetacular Descida da Árvore pelo antepassado do homem; o acontecimento mais importante da sua vida. A floresta seria o berço das primeiras forças afetivas do homem. O Temperamento é o laço afetivo que liga o homem à terra. É a raiz que liga o homem à terra estabelecendo o seu equilíbrio mental, que forma o temperamento da mesma maneira como as raízes de uma árvore estabelecem e determinam o equilíbrio da árvore.

Essas raízes-temperamento que prendem o homem à terra teria iniciado a sua formação somente após a Descida da Árvore pelo Australopithecus. Descobrir a paisagem, o pré-homem descobridor estabelece a possibilidade de aparecimento dos biótipos diversos, cada um deles ligados à estrutura sésil da paisagem. São essas raízes-Temperamento telúricas que formam o biotipo e estabelecem uma ligação permanente entre o tipo humano e a paisagem.

Sendo o temperamento uma força telúrica ele provocaria a mesma feição cósmica das plantas quando atuando num plano recuado da formação do homem, como por exemplo, o sono. Um homem adormecido é tão cósmico quanto uma planta porque nesse estado de distensão ele perdeu toda capacidade de movimento locomotor e se encontra preso à terra como a planta.

Durante o sono todas as criaturas se transformam em plantas, nos diz Oswald Spengler.

Todas as manifestações de vida que tomam parte na formação da floresta eram no seu início apenas as plantas, portanto um retorno ao passado antigo, que se dá durante o sono, pode bem trazer uma situação de planta como quis Oswald Spengler.

As anomalias oníricas se encontram dentro da floresta. Os três grandes produtos da floresta são: o Herói, o Histórico e o Homem adormecido sonhando. Todos possuindo o fator comum da Simulação.

O Herói, o Histórico e o Homem adormecido sonhando possuem a mesma ação dramática no mundo do irreal e do desejo. Todos se apresentam fantasiados para melhor suportar o contato com o irreal. O disfarce funciona como uma proteção e para esconder a sua agitação anímica e seu sentimento de inferioridade frente ao mundo e para a conservação e afirmação do Eu. A simulação capacita o encaminhamento da ambição.

O Herói era o salvador anímico do homem e tinha seu culto realizado dentro da floresta em atenção à ligação antiga entre o homem e a árvore, o histórico é o eterno ator que irá mostrar ao mundo a importância da mentira na criação do Homo Socius, a simulação histórica tornou-se o traço mais importante do Teatro e encontrara na floresta o seu abrigo por excelência, o Homem adormecido sonhando é o ser em estado ideal de liberdade pelo qual todas as angústias podem ter uma saída; é o homem-planta que contempla o seu futuro. A floresta já apresentava em si as condições dramáticas apropriadas à dispersão de imagens (assintáticas) encontradas no sonho e na conduta do Herói. O jogo de luz e sombra da semi-claridade, a feição de nébula, eram condições apropriadas a esconder formas e simular desejos e apropriadas para a criação das aglutinações de homem-árvores, de animal-vegetal, de homem-animais, encontrados no sonho e no pensamento do homem primitivo que se confundiam.

O sono é o grande produto da floresta porque pelo sonho, ele gera a simulação. Pela simulação o homem consegue se libertar e se salvar. É esta salvação obtida pela mentira primitiva que o coloca rumo ao Homo Socius. A simulação e a mentira se tornam as forças vitais do início do Homo Socius e a mais importante manifestação social de caráter gregário.

Para o homem que nasce não pode haver gregarismo sem a mentira, pois o seu sentimento de insegurança seria intolerável.

A simulação nascida na floresta cria o primeiro Temperamento do homem, o temperamento proto-esquizotímico.

Publicado originalmente no *Diário de S. Paulo* em 3 de março de 1957.

X - OS GATOS DE ROMA

A mentira e o Soluço do Mundo – A Dança Nasceu na Floresta

A importante e sensacional Descida da Árvore pelo nosso antepassado, criando um tipo novo e um temperamento e pelo seu contato com o solo estabelecendo raízes afetivas com a Terra tão fortes e tão preponderantes quanto as raízes da árvore, havia dado no novo habitante da superfície pendores especiais baseados no Medo.

Ao pé da árvore abandonada se estendia a imensa floresta que se apresentava misteriosa na sua semi-claridade e enigmática no seu conteúdo aparentemente sem fim; o antepassado do homem sobre a terra firme estranhava a ausência do balanço do galho que não mais o equilibrava, contudo as oscilações radiais com percurso circular do galho em balanço haviam se estereotipado e indicariam ao novo habitante o seu caminho na vida.

O movimento circular imposto pelo galho da árvore funcionaria como uma defesa do habitante no começo sobre a terra firme e como tal, estabeleceria uma ligação sentimental definitiva entre o homem e a árvore.

O movimento circular foi o primeiro movimento do antepassado que abandonara a árvore e é o mesmo movimento circular da dança.

A dança nasceu na floresta e os primeiros movimentos do antepassado são movimentos de dança. É o mesmo movimento circular da fera enjaulada de hoje, este também se originou na floresta onde as árvores funcionavam como um protótipo das barras da jaula futura. O antepassado que descia da árvore não avançaria imediatamente em marcha reta mas espreitaria circularmente, herdando os ensinamentos do galho da árvore e, por estes, estabelecendo o Medo que experimentava frente ao mundo novo da terra firme tão diferente do mundo oscilatório do galho.

O medo torna-se uma função dos movimentos circulares estereotipados pela vida desenvolvida sobre o galho da árvore.

Este medo oriundo do galho só seria vencido por movimentos rítmicos de origem vegetativa, movimentos que arrancariam o antepassado da repetição circular <in loco> concedendo-lhe novo rumo

e o Soluço se apresenta como a primeira indicação do brilho de uma nova vida, como o primeiro canto de uma Tristeza. O soluço lacrimajante enterrava um passado e abria um novo horizonte; a exibição da Tristeza. O Soluço era uma manifestação rítmica provocada pelo medo da escuridão da floresta, e proveniente de movimentos vegetativos antigos, era um movimento selecionado pelo pânico do medo e que aparece em defesa do indivíduo.

O som sem articulação interrompido e repetido é a primeira forma de som e tem o Soluço como gênese da Grande Tristeza. A manifestação sonora monotonal torna-se um gaguejo e uma Mentira genética; um desejo de dizer qualquer coisa que é verdade e que se encontra encoberta pelo gaguejo como manifestação da mentira. O Soluço é o primeiro gaguejo e a primeira Simulação.

A marcha ou melhor, a dança em forma de marcha, cujo recuo é uma hesitação proveniente do medo é uma forma mais adiantada de movimento e ter-se-ia originado após o movimento circular possivelmente nas margens da floresta e seria consequência do soluço; a cadência do Soluço teria fornecido a cadência da marcha.

As danças que nasceram na floresta e na Tristeza dariam mais tarde ao mundo alegria e os desejos básicos do homem.

Tanto a marcha como os importantes movimentos do Samba nasceram do Grande Soluço do Mundo.

O Soluço é a primeira mentira e o mundo da mentira é o primeiro a existir. Do homem soluçando e lacrimajante na floresta brotam todos os caminhos do seu Destino. A simulação dramática nascida e aperfeiçoada nas condições técnicas da floresta surgia em defesa do primeiro homem para camuflar as suas deficiências físicas e estéticas. Ainda hoje encontramos sobrevivências dessa grande mentira na floresta, entre seres primitivos, entre os animais, as crianças e os homens psicicamente atrasados. Estes, quando desejam alcançar uma ambição, simulam uma lesão grave, a morte, a loucura, o infantilismo.

O mamífero, a criança, o primitivo, o atrasado idiota praticam a Simulação pelo movimento circular, pela dança, pelos saltos e tamborinagem pela verbigerção ou repetição automática monotonal de sons, sílabas ou seqüências de palavras. Quando relacionado ao seu estado atual, o homem no começo é impuro, imperfeito, feio, triste e doente. Constitui grave erro a Pureza do Primitivo pregada por escritores de renome, como por exemplo, Rousseau e podemos chamar esse erro de Lirismo Dialético.

Só posteriormente ao abandono da floresta, ele sai da penumbra rumo ao campo aberto e da luz e torna-se um escalador de montanhas desnudadas e rochas escarpes. O tom da montanha não é o Soluço, mas sim o lamento nostálgico prolongado. Ele só começa a adquirir Alegria quando penetra na luz do campo aberto. O estado de vigia só começa a se diferenciar do estado de sonho quando o homem inicia a sua saída da floresta. O abandono da floresta traz a formação de um novo temperamento mesmo como o abandono do galho da árvore havia trazido o primeiro temperamento junto à terra.

Publicado originalmente no *Diário de S. Paulo* em 10 de março de 1957.